

Memória, sexualidade e feminismo em *Maria de todos os rios*, de Benedicto Monteiro

Memory, sexuality and feminism in maria de todos os rios, by Benedicto Monteiro

Maria Lucilena Gonzaga COSTA*

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Luciete Cardoso POMPEU**

Universidade Federal do Pará (UFPA)

RESUMO: Este artigo versa sobre memória, sexualidade e feminismo em *Maria de todos os rios* (1995), de Benedicto Monteiro. A narrativa é pensada como espaço de resistência e ressignificação da memória feminina, ao confrontar as estruturas patriarcais e os estereótipos, especificamente, designados às mulheres. A obra aborda, de forma crítica e sensível, as memórias da protagonista Maria, que opta pela liberdade frente às imposições sociais no contexto amazônico dos anos de 1970 e 1980, evidenciando lutas e resistências nos mais diversos lugares do estado do Pará até chegar ao Rio de Janeiro. O romance promove uma reflexão sobre questões de gênero, por meio dos relatos que contemplam as camadas socialmente marginalizadas e a descoberta da sexualidade, a realização pessoal e a rejeição ao amor convencional, em prol da liberdade. A Crítica Feminista, a História da Mulher e as reflexões sobre a Memória subsidiam essa discussão: Tiburi (2001); Saffioti (2015); Federici (2019); hooks (2021); Perrot (1998, 2005); Bosi (1994).

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Feminismo. Benedicto Monteiro.

ABSTRACT: This article deals with memory, sexuality and feminism in Benedicto Monteiro's *Maria de todos os rios* (1995). The narrative is seen as a space of resistance and re-signification of female memory, confronting patriarchal structures and stereotypes specifically assigned to women. The work critically and sensitively addresses the memories of the protagonist Maria, who opts for freedom in the face of social impositions in the Amazonian context of the 1970s and 1980s, highlighting struggles and resistance in the most diverse places in the state of Pará until she reaches Rio de Janeiro. The novel promotes a reflection on gender issues, through stories that contemplate the socially marginalised and the discovery of sexuality, personal fulfilment and the rejection of conventional love, in favour of freedom. Feminist criticism, women's history and reflections on memory subsidise this discussion: Tiburi (2001); Saffioti (2015); Federici (2019); hooks (2021); Perrot (1998, 2005); Bosi (1994).

*Doutora em Letras – Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará e Docente da Universidade Federal do Pará. E-mail: lucilena@ufpa.br

**Doutoranda em Letras – Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará. E-mail: lucyycardoso@gmail.com

KEYWORDS: Memory. Feminism. Benedicto Monteiro

Considerações iniciais

Este estudo evidencia a literatura paraense, a memória e o feminismo como um entrelaçamento político e social que atua diretamente nas discussões sobre a condição da mulher na sociedade. Compreende-se a literatura como uma fonte primordial para a análise sociológica e de gênero, sobretudo, quando o foco é sobre a mulher e suas memórias. Nesse sentido, dependendo da finalidade, exerce um papel fundamental ao desconstruir a ideia de uma suposta “incapacidade natural” atribuída ao feminino. Segundo Lerner (2019, pp.19-21), é por meio dessas construções metafóricas que a subordinação das mulheres passa a ser considerada natural, ou seja, invisível. É isso, afirma a autora, que estabelece o patriarcado como ideologia.

A escolha do tema justifica-se pela pertinência e urgência do debate em um contexto marcado pela violência de gênero e pela contínua perpetuação do patriarcado. Diante desse cenário, a análise do romance *Maria de Todos os Rios*, do autor paraense Benedicto Monteiro, torna-se relevante por encaminhar uma argumentação em defesa dos interesses da mulher, ao mesmo tempo em que denuncia preconceitos historicamente enraizados e propõe a construção de uma visão mais igualitária sobre os corpos e as identidades femininas. Escrito por um autor homem, percorre o olhar sensível e atento à narrativa apresentada ao desconstruir imagens estereotipadas atribuídas à mulher, constituída por uma sociedade patriarcal excludente.

É importante ressaltar que a literatura funciona como um espaço simbólico de resistência, no qual a memória feminina pode ser resgatada e reescrita, tensionando as fronteiras entre o ficcional e o histórico. Uma narrativa literária, ao dar voz às personagens femininas complexas, permite a problematização das estruturas sociais que historicamente relegaram às mulheres papéis secundários ou estereotipados. Como aponta Joan Scott (1995, pp. 72-73), a categoria “gênero” é uma ferramenta de análise histórica essencial para compreender as relações de poder e as diferenças sociais construídas a partir das distinções entre masculino e feminino. Nesse sentido, a crítica feminista, ancorada nos estudos de Butler (1990, pp. 228-229), evidencia como as identidades de

gênero são construídas e reiteradas socialmente, sendo, portanto, passíveis de desconstrução e ressignificação.

Ainda, ao lançar o olhar para a literatura amazônica, o presente estudo também busca romper com os silenciamentos que ainda marcam a produção literária da região, sobretudo, no que se refere à memória e à representação feminina. A Amazônia, frequentemente, retratada a partir de uma visão exótica ou romantizada, torna-se, nesse romance, palco para a fuga das memórias de uma mulher que resiste às imposições sociais e culturais. Nesse contexto, *Maria de Todos os Rios* surge como um importante objeto de análise ao apresentar uma personagem feminina inserida nos fluxos e refluxos da vida amazônica.

Além disso, como destaca bell hooks (2019, p. 15), o feminismo deve ser compreendido como um movimento político que busca o fim do sexismo e de todas as formas de opressão relacionadas ao gênero, sendo fundamental o reconhecimento das múltiplas vozes e experiências das mulheres, especialmente as historicamente marginalizadas. Assim, o artigo propõe contribuir para a ampliação das leituras críticas a respeito da representação da mulher, trazendo à tona a necessidade de fortalecer narrativas que evidenciam a realidade da experiência feminina.

Por fim, este artigo visa compreender de que maneira a obra gera reflexões sobre as estruturas desiguais e possibilita o surgimento de uma voz feminina que resiste, denuncia e reivindica sua própria narrativa, revelando que, apesar das convenções sociais, a protagonista alcança liberdade por meio da sensualidade. Isto posto, esta pesquisa dialoga com autoras como Simone de Beauvoir (2009, p. 20), para ela: “O homem é o sujeito, o Absoluto; ela é o Outro”. Tal perspectiva corrobora a problematização da condição da mulher na sociedade patriarcal, em que a mulher é historicamente colocada como o “Outro”, dentro de um sistema que favorece o masculino. Com isso, insere *Maria de Todos os Rios* no debate contemporâneo sobre a resistência ao patriarcado.

1 Literatura e Memória: Questões feministas em debate

Na literatura, encontramos textos dialogando com o nascer mulher em uma sociedade patriarcal, trazendo à tona narrativas que expõem as dificuldades, as violências, as opressões enfrentadas cotidianamente pelas mulheres. Nesse contexto, em *Maria de*

todos os rios, a personagem compartilha suas memórias com Dalva, uma pesquisadora universitária, confidente de Maria, e é por meio dessa narrativa que o leitor pode compreender a realidade da protagonista, além de dialogar com as questões das pautas feministas.

É importante salientar que a obra rompe com os poderes estabelecidos ao se tornar política, especialmente, ao destacar a importância do “lugar de escuta”. Termo evidenciado por Marcia Tiburi, “a escuta é um elemento prático no processo político que precisa ser experimentado com urgência, sobretudo, pelos sujeitos que detêm o privilégio da fala”. (Tiburi, 2021, p. 60). Com isso, compreende-se que, para além de falar, é necessário ser ouvida. A pesquisadora Dalva coloca-se nesse lugar, e, por extensão, Benedicto Monteiro convida os leitores a assumirem essa mesma posição. Indaga-se, então: quem ouve as mulheres neste mundo? Esse é um dos questionamentos de Maria: “Com quem ia dividir o meu silêncio, a minha vida e o meu medo?” (Monteiro, 1995, p. 13).

Nesse contexto, é no poder de fala e escuta que as memórias ao serem reportadas e ouvidas, ganham visibilidade, proporcionando que questões específicas, como violência de gênero, desigualdade salarial e a divisão desigual do trabalho doméstico, sejam colocadas em pauta.

Consequentemente, o texto perturba a hegemonia que, historicamente, silenciou e excluiu mulheres dos espaços de decisão, produção de conhecimento e expressão política. Por meio da personagem e de suas experiências, é possível aferir que seus desejos foram sistematicamente negligenciados, o que perpetuou desigualdades de gênero e reforçou estruturas de poder opressivas. Sobre isso, Marcia Tiburi complementa:

É verdade que, em um contexto democrático, pressupõe-se que todos podem falar. No entanto, os caminhos da fala, bem como da produção de discursos e os meios de comunicação, pertencem às elites econômicas, que vivem no contexto dos privilégios de raça, gênero, sexualidade, plasticidade, idade e classe social. Fora do sistema de privilégios a expressão é contida, digamos que econômica e politicamente administrada. (Tiburi, 2021, p. 61.)

Assim, infere-se que o romance rompe com estruturas tradicionais ao apresentar uma mulher, meretriz, que recusa a vida familiar (doméstica), expõe o patriarcado e ascende economicamente. Maria subverte o sistema através de sua sensualidade e de seus posicionamentos, ao mesmo tempo que suscita reflexões sobre o papel da mulher na

sociedade, os julgamentos morais impostos às mulheres e os e os caminhos percorridos por aquelas sem recursos ou apoio familiar, em busca da própria sobrevivência.

A respeito da memória como elemento presente na narrativa, evidenciam-se três momentos centrais: a infância, a vivência como meretriz e o período como proprietária no rio de janeiro, a respeito disso Ecléa Bosi (1994, p. 260) “chama-nos a atenção com igual força a sucessão de etapas na memória que é toda dividida por marcos, pontos onde a significação da vida se concentra: mudança de casa ou de lugar, morte de um parente, formatura, casamento, empregos, festas”. A autora corrobora a ideia de que a memória não é linear, podendo ser contada por eventos significativos, agindo como pontos centrais para a reconstrução do passado. Nessa perspectiva, o texto apresenta a vida da protagonista em suas mudanças, como morte da mãe, do irmão, o início da vida como prostituta, as mudanças de cidade, a compra de terras no garimpo e, posteriormente, a aquisição de uma academia, elementos importantes para compreender como a protagonista reconstrói sua história e, conseqüentemente, aborda questões sobre a condição feminina.

A fala de Maria, ao permitir que sua história seja contada de forma “entrecortada”, reflete justamente essa natureza não linear da memória. Ela não se preocupa em organizar os eventos em uma sequência cronológica rígida, mas sim em resgatar os momentos que, para ela, carregam maior significado emocional. Como ela mesma diz:

A senhora não se incomoda de eu contar minha história, toda assim entrecortada. Ora indo pra frente, ora vindo para trás. É como eu me lembro do passado. É como eu lembro de mim mesma, nesses desvios da sorte. Sendo jogada que nem trambolho em cada beira de rio, em cada piso de calçada ou em cada ponto de estrada. (Monteiro, 1995, p. 45)

Sobre isso, Ecléa Bosi (1994) complementa:

Quando olhamos para trás podemos localizar os marcos do nosso tempo biográfico no tempo solar decorrido. Mais que os astros, pode o tempo social, que recobre a passagem dos anos e das estações. À medida que o tempo social se empobrece de acontecimentos, se afina e esgarça, vai pondo a nu aquele tempo vazio, sem aparas, como um chão infinito, escorregadio, em que os passos deslizam. (Bosi, 1994, p. 61)

Nesse sentido, a dualidade entre o “tempo social” e o “tempo vazio” acrescenta uma camada importante à análise. Enquanto o tempo social é marcado por eventos coletivos e externos, o tempo vazio expõe a fragilidade das experiências individuais, onde

a vida é apresentada no ritmo narrativo da própria personagem. Maria, em sua trajetória, vive essa dualidade: ela é constantemente deslocada pelo fluxo da vida, “jogada que nem trambolho” (Monteiro, 1995, p. 45) em cada nova margem de rio ou calçada, mas também relata que encontrou liberdade em meio ao caos, seja na compra de terras, na aquisição da academia ou na construção de sua sensualidade. Com isso, vemos como ela resiste à opressão cultural, econômica e social por meio de suas próprias escolhas, como a descoberta da sensualidade, a recusa do casamento e a decisão de não restringir sua narrativa ao meretrício e às experiências de sofrimento.

Nesse sentido, permite a compreensão mais íntima da história vivida e do estado atual da personagem. Ela mesma indaga: “Quer dizer que a senhora me escolheu para fazer a sua pesquisa, por eu ser uma mulher solteira, proprietária de uma academia de dança, ginástica aeróbica e de massagens unissex. Muito bem, nunca imaginou que meu passado fosse este” (Monteiro, 1995, p. 147). Ao enfatizar a dualidade entre a imagem que ela projeta no presente, uma mulher independente, proprietária de uma academia e o passado que carrega consigo, marcado por experiências na prostituição e por um processo de ascensão social, a narrativa revela contrastes identitários profundos.

Essa diferença é também expressa por meio da mudança na fala da personagem, como nas passagens: “Ah! Nhá mana” (Monteiro, 1995, p. 7) e “hoje, a senhora pensa, eu sinto o maior arrependimento” (Monteiro, 1995 p. 39). A forma como ela se dirige à entrevistadora marca duas posturas. Na terceira dimensão da mulher extensão da obra, na versão da entrevistadora, Dalva, essa mudança é ressaltada por meio de uma observação sobre o uso da linguagem, ora mais formal, ora mais regional e sobre um gesto simbólico: o ato de tirar os óculos. Dalva Comenta: “não sei se hoje eu posso dizer que ela tinha uma dupla personalidade. Mas garanto que aqueles óculos escuros eram o seu uniforme de proprietária. E o mais interessante quando retirava os óculos, parece que ela se despia daquela sua condição social.” (Monteiro, 2002, p.19).

É nesse gesto aparentemente simples que ocorre a ruptura entre a imagem social e o eu mais íntimo. Ou seja, entre a performance exigida socialmente e a memória de sua trajetória. Ao assumir a figura de uma mulher bem-sucedida, independente e empresária, identidade moldada para se adaptar ao sistema, a protagonista performa para ocupar espaços que, em sua origem, a excluíram. O romance revela sua potência ao expor como

a identidade da personagem é construída a partir da evocação de memórias que poderiam ser silenciadas ou modificadas por ambas as partes. Como observa Ecléa Bosi:

Se a memória da infância e dos primeiros contatos com o mundo se aproxima, pela sua força e espontaneidade, da pura evocação, a lembrança dos fatos públicos acusa, muitas vezes, um pronunciado sabor de convenção. Leitura social do passado com os olhos do presente, o seu teor ideológico se torna mais visível. Na memória política, os juízos de valor intervêm com mais insistência. O sujeito não se contenta em narrar como testemunha histórica “neutra”. Ele quer também julgar, marcando bem o lado em que estava naquela altura da história, e reafirmando sua posição ou matizando-a. (Bosi, 1994, p. 285)

Desse modo, a apresentação dessas memórias, pelo olhar de quem de fato vivenciou, desafia convenções e revela a importância de suas lembranças, criando uma narrativa única. A memória, portanto, não é apenas um registro do passado, mas um ato de resistência e ressignificação, qual permite à personagem reafirmar sua existência e sua voz. Para Ecléa Bosi, a leitura social do passado é frequentemente influenciada por convenções e juízos de valor. No entanto, ao narrar sua própria história, Maria desafia essas convenções e oferece uma perspectiva que resgata a importância de suas lembranças e as transforma em uma narrativa de denúncia.

2 A vida da mulher: A questão do trabalho

A “prisão” do trabalho doméstico é uma realidade de muitas mulheres, sejam elas empregadas, esposas ou filhas. Perpetua-se, assim, o trabalho do cuidado, para Marcia Tiburi (2021, p. 68) “o ‘lar’ nunca é um lugar doce para as mulheres, mas um núcleo fundamentalmente capitalista que tem a família um sistema de exploração”. Diante disso, esse discurso da domesticidade se perpetua e está enraizado em nossa sociedade. Maria relembra os conselhos da mãe: “Minha filha, nunca aceite convite para ser empregada. Empregada doméstica, tanto de casa de preto como de branco, não serve pra nada. Ela quase chegava a dizer que era preferível eu ser mulher da vida de que uma empregada.” (Monteiro, 1995, p. 79).

A fala de Maria, ao sugerir que a mãe subentendeu que ser “mulher da vida” seria preferível a ser empregada doméstica, expõe a brutalidade dessa realidade, na qual o trabalho doméstico é desvalorizado e associado à falta de autonomia e dignidade. Essa percepção reflete não apenas a precarização do trabalho doméstico pouco remunerado,

mas também a invisibilidade do trabalho não remunerado realizado por esposas, mães e filhas no âmbito familiar. Para Silvia Federici,

a diferença em relação ao trabalho doméstico reside no fato de que ele não só tem sido imposto às mulheres como também foi transformado em um atributo natural da psique e da personalidade femininas, uma necessidade interna, uma aspiração, supostamente vinda das profundezas da nossa natureza feminina. (Federici, 2021, p. 39)

Nota-se, com isso, que a “prisão” do trabalho doméstico, portanto, não se limita à esfera econômica, mas está profundamente ligada a uma estrutura social que perpetua a desigualdade de gênero. Nesse viés, o discurso da domesticidade, como mencionado no trecho da obra de Benedicto Monteiro, continua enraizado, reforçando ciclos de exploração e opressão cuja desconstrução se faz necessária. A escuta dessas vozes, como propõe Tiburi (2021, p. 60), é um passo fundamental para transformar essa realidade. Assim, como discorre Silvia Federici (2021, p. 42), “podemos não servir a um homem, mas todas estamos em uma relação de servidão no que concerne ao mundo masculino como um todo”.

Isso significa que, mesmo quando uma mulher não está diretamente sob a autoridade de um homem, ela ainda está inserida em uma sociedade que prioriza os interesses, necessidades e perspectivas masculinas. Essa relação de submissão é perpetuada por mecanismos culturais, econômicos e políticos que naturalizam a subordinação feminina. Maria confidencia à Dalva: “Mas eu não tive nem oportunidade de escolher, porque, quando dei por mim, eu já estava na vida”. (Monteiro, 1995, p. 79). Ao dizer não ter tido escolha, ela revela como as mulheres são frequentemente limitadas por condições sociais, econômicas e culturais. Nesse sentido, a falta de escolha não é apenas individual, mas coletiva, resultado de uma sociedade que desampara as mulheres e atribui o cuidado e o trabalho doméstico como “responsabilidades naturais”. (Federici, 2021, p.157).

Essa lógica segue uma ideia de relação masculino-feminino na perspectiva de poder sobre o outro. Para Louro (1997, p. 37), “constitui uma oposição entre um polo dominante e outro dominado – e essa seria a única e permanente forma de relação entre os dois elementos”. A manutenção dessa lógica significa o silenciamento e opressão dos sujeitos que o constituem. A autora chama atenção para o fato de que não se trata somente de homens e mulheres, mas sim pertencentes “de várias classes, raças, religiões, idades,

etc.” (Louro, 1997, p. 37). Assim sendo, para fugir da exploração do casamento e, consequentemente, do trabalho doméstico, Maria entrega-se à prostituição:

Não, não. Casar, nunca! Como eu já lhe disse, a mulher casada se converte logo em empregada do marido, depois dos filhos e acaba sendo escrava dos filhos e dos netos. Enquanto é empregada, que trabalha fora de casa, faz três vezes o seu serviço, de dona de casa, de doméstica. Nesse ponto minha mãe tinha razão, a pior coisa pra mulher é ser doméstica. (Monteiro, 1995, p. 90)

A compreensão da realidade da mulher no seio familiar, e consequentemente, sua recusa, é libertária, pois, a personagem alcança uma liberdade conquistada por meio de sua vivência. E, embora a prostituição esteja diretamente ligada à exploração do corpo, a protagonista aponta a mesma exploração no convívio familiar. Inclusive, pensamento que fora adquirido culturalmente pela sua mãe, dado o contexto de exploração que o serviço doméstico exerce sobre as mulheres. Portanto, o patriarcado naturaliza o sacrifício das mulheres no casamento e no trabalho doméstico, ao mesmo tempo que marginaliza aquelas que tentam escapar desse destino.

3 *Maria de todos os rios e a questão da educação*

Mulheres como Mary Wollstonecraft (1792) e Nísia Floresta (1832) questionaram a ausência de acesso à educação para as mulheres, um debate que acompanha a história do feminismo. No Brasil, somente a partir de 1827 as mulheres passaram a ter o direito de frequentar as escolas, e ainda assim, para aprenderem disciplinas consideradas “femininas”, como o cuidado do lar e da família, reforçando o papel socialmente imposto de cuidadoras. Sobre essa limitação Mary Wollstonecraft pontua:

Mas, na educação das mulheres, o cultivo do entendimento está sempre subordinado à aquisição de algum dote físico (...). Além disso, na juventude, suas competências não são estimuladas para a competição; e, não tendo nenhum estudo sério, a sagacidade natural que porventura tenham volta-se muito cedo para a vida e os bons costumes. (Wollstonecraft, 2021, pp. 34-35)

Diante disso, percebe-se como, historicamente, a mulher não é incentivada a se desafiar ou a seguir um caminho autônomo pela educação. Sua formação é condicionada à manutenção do espaço familiar e das práticas de cuidado, restringindo suas

possibilidades de atuação social e intelectual. Infere-se, portanto, que o acesso desigual ao saber é também uma forma de perpetuar a subordinação feminina ao longo da história. Esse cenário é evidenciado no trecho:

Vi logo que naquela beira de estrada eu não tinha futuro nem esperanças. Novamente fiz outro inventário do meu corpo e dos meus préstimos: o que eu sabia fazer e o que valia a minha carne. Aí verifiquei que o meu pouco saber, ler e escrever, já me dava uma grande vantagem. Pelo menos entre aquelas quantas mulheres que viviam naquela casa, eu era a única que sabia ler um jornal, uma revista e fazer uma carta. (Monteiro, 1995, p. 21)

Por meio da personagem, notamos os resquícios de uma educação limitada às mulheres. Ao se ver sozinha, a protagonista se depara com duas possibilidades: o trabalho doméstico ou a prostituição, ambas funções socialmente direcionadas para a satisfação das necessidades masculinas. A crueldade dessa realidade está justamente no fato de que, mesmo possuindo a habilidade de leitura e escrita, o caminho da educação formal não se apresenta como uma alternativa. Percebe-se, assim, que há limites impostos que determinam os caminhos possíveis às mulheres, perpetuando a crença de uma inferioridade feminina que as reduz a um valor de “préstimo”, obrigando-as a se questionar sobre sua utilidade:

A senhora pensa que sou meretriz por vontade? Cai na vida por pura necessidade. Com a pouca instrução que eu tinha, era muito difícil arrumar trabalho. E a minha mãe, conforme eu já lhe disse, era o que mais me recomendava. – Minha filha, nunca aceite convite para ser empregada. (Monteiro, 1995, p. 79)

Maria, revela como a falta de instrução contribui significativamente para a falta de opções e para a impossibilidade de emancipação. Ainda que, ao longo do tempo, o acesso das mulheres às escolas tenha sido conquistado, a efetividade desse direito esbarra, ainda hoje, em marcadores sociais como raça, classe e gênero. Assim, como aponta Judith Butler (2018, p. 17), a construção do sujeito feminista não se dá de maneira desvinculada das estruturas de poder que o cercam. Pelo contrário, esse sujeito é discursivamente constituído dentro de um sistema político que, ao mesmo tempo em que promete a emancipação feminina, também reforça normas e papéis de gênero historicamente naturalizados. Louro (1997, p. 28) esclarece que “papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar...”

Com isso, a história das mulheres nos mostra uma grande dificuldade de romper com essas amarras, fazendo parecer que o “destino” de muitas já está previamente traçado, um caminho entrelaçado a papéis sociais definidos, influenciados pelos guias de obediência, a falta de instrução e a vulnerabilidade econômica.

Acerca da Memória e da História da Mulher, Michelle Perrot assegura que:

Assim, os modos de registro das mulheres estão ligados à sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade. O mesmo acontece com seu modo de rememoração, da encenação propriamente dita do teatro da memória. Por força das coisas, ao menos para as mulheres de outrora e para o que resta do passado nas mulheres de hoje (e que não é pouco), é uma memória do privado, voltada para a família e para o íntimo, aos quais elas estão de certa forma relegadas por convenção e posição. (Perrot, 2005, p. 39)

Perrot (2005) corrobora para entendermos a limitação, no qual as mulheres são lembradas principalmente em função de suas relações com os outros (como mães, esposas ou filhas), e não como protagonistas de sua própria história, ou seja, se perpetua a ideia de um roteiro social pré-estabelecido. Como resultado o privado não é apenas um reflexo do passado, mas ainda se mantém presente, apesar dos avanços na luta por direitos e reconhecimento.

Desde os primórdios do feminismo até a contemporaneidade, reconhece-se a importância da educação como uma ferramenta importante para a libertação feminina. Entretanto, ainda persistem barreiras que impedem muitas mulheres de acessar plenamente a educação e, conseqüentemente, melhores oportunidades de vida. No caso da personagem, as dificuldades econômicas e a precariedade de sua formação restringem seu caminho. Contudo, o pouco saber que adquiriu, como ler e escrever, torna-se um diferencial, mesmo dentro da prostituição. Além disso, seu interesse pela leitura a aproxima das revistas, das novelas e dos jornais, o que mais tarde será essencial em sua parceria com Juvenal, no garimpo e na compreensão das obras que leu:

Pois essas revistas que dizem que são só de mulheres, são justamente pra fazer a cabeça da gente, nesse convívio de vassalagem. Mulheres muito boas pra se ver, pra se ter, pra se mandar, pra se possuir, pra se comer. Pra parir filhos e filhas. Isto até a gente sabe, sente e consente. E é difícil lutar contra tudo isso, porque é um pensamento. Um só pensamento. Tanto faz homem como mulher, aprenderam a pensar todos desse jeito. Minha santa Mãe, por exemplo, por causa da nossa pobreza, achava que eu só tinha dois caminhos: ser empregada de gente rica ou cair no meretrício. Como ela condenava o emprego de doméstica, acabei caindo no meretrício. E se não fosse essas revistas, que eu

aprendi a ler do avesso, acho que eu tinha sido condenada a viver uma vida de sacrifícios. (Monteiro, 1995, p. 92).

Percebe-se, então, o quanto a leitura, mesmo das revistas ditas “femininas”, proporcionou à personagem uma consciência crítica sobre sua condição e sobre o papel da mulher na sociedade. Esses elementos demonstram como ela resistiu ao sistema. Assim, “ler do avesso” o conteúdo dessas revistas é uma crítica de como o discurso a respeito do feminino é construído para manter as mulheres subjugadas a um pensamento único, para o domínio masculino. Isto é, revela não apenas a força da personagem em perceber essa estrutura opressora, mas também reforça como o acesso ao saber, ainda que limitado, é capaz de criar aberturas nesse sistema, permitindo à mulher ver outras possibilidades e questionar seu lugar social. Sobre a assiduidade de leitura, Maria informa: “Olhe, já tinha lido muito sobre nós mulheres. Comecei lendo primeiro as revistas, revistas de TV; depois passei para as revistas especializadas, revistas de mulheres; depois passei pros livros.” (Monteiro, 1995, p. 114).

Desse modo, o processo de leitura da personagem torna-se um movimento de resistência e descoberta. Essa prática revela uma mulher que vai além do destino imposto pela pobreza, pelo gênero e pela negação do conhecimento. A leitura, nesse contexto, configura-se como fio condutor de uma possível emancipação, um meio de romper com o “pensamento único”, que molda e aprisiona o feminino ao longo da história. Além disso, ao avançar para os livros, a personagem não apenas expande seu repertório de leitura, mas também fortalece sua consciência de classe e de gênero, vislumbrando outras formas de existência e subvertendo, mesmo que lentamente, o ciclo de subordinação herdado. Esse movimento torna-se ainda mais evidente quando a personagem narra sua busca por obras escritas por mulheres, na tentativa de encontrar ali uma voz que a representasse ou a compreendesse:

Procurei sim, os livros escritos por mulheres. Comecei pelos livros escritos por Cassandra Rios, li Nélide Piñon, Lígia Fagundes Teles, Hilda Hilst e muitas e muitas outras, que nem lembro mais o nome. Estou sempre lendo, a senhora pensa. A leitura é a mania da minha vida. Os livros me sustentam. Mas, como ia lhe dizendo, até as mulheres falam e escrevem, como se fossem homens. Ah, as poetisas? Até essas eu li algumas. Cecília Meireles foi uma delas. Mas não encontrei nada. Só amor platônico, não é assim que se diz quando o amor não é de nada? Pois é, é terrível esse poder do machismo. Todo o mundo está impregnado. É sim senhora, tem mulheres que são muito mais machistas do que os próprios homens. Não, não senhora, não entendo nada do que elas dizem, ou melhor, escrevem. Não, não entendo nada. (Monteiro, 1995, p. 117)

O autor Benedicto Monteiro, deixa permanecer os nomes das autoras exatamente como ela pronunciava. A familiaridade com que a protagonista se refere às escritoras revela não somente uma relação construída por meio das leituras, mas também o entendimento do peso de um discurso masculinizado e de uma visão machista. Essa apropriação das referências literárias revela uma assimilação crítica desenvolvida por Maria a partir de suas leituras. Ao fazer isso, expõe-se a profundidade da dominação patriarcal, que atravessa todos os campos da vida social e intelectual, evidenciando que o desafio da mulher não se limita ao acesso ao conhecimento, mas se estende ao reconhecimento de narrativas e representações que a contemplem.

Essa observação relaciona-se com a resistência e o feminismo que encontramos no romance, dialogando com o livro *Pensamento feminista brasileiro*, organizado por Heloisa Buarque de Holanda, capítulo de Constância de Lima Duarte (2019, p. 30): “Pois o feminismo, a meu ver, deveria ser compreendido em um sentido mais amplo, como todo gesto ou ação que resulte em protesto contra a opressão e a discriminação da mulher, ou que exija a ampliação de seus direitos civis e políticos por iniciativa individual (...)”. Para a autora é importante reconhecer as pequenas ações, os gestos cotidianos e atos de resistência feminina, como a personagem apresenta.

4 Maria de todos os rios: Sexuali(ber)dade

Simone de Beauvoir assegura que “a humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele, ela não é considerada um ser autônomo”. Nesse sentido, os direitos dos homens são assegurados perante a lei. O masculino sempre esteve atrelado à força, ao conhecimento, e a superioridade. Historicamente, foram os homens definiram o certo e errado, além de instituírem, socialmente, formas invisíveis de dominação sobre o feminino.

Para Gerda Lerner (2022, p. 23) “uma vez estabelecido como um sistema funcional de relações hierárquicas complexas, o patriarcado transformou as relações sexuais sociais e econômicas e dominou todos os sistemas de ideias”. Como resultado, o feminino passou a ser compreendido na sociedade como “inacabada, mutilada fisicamente e emocionalmente dependente” (Lerner, 2022, p. 23). O controle dos corpos, bem como do modo de ser e estar na sociedade, excluiu as mulheres do espaço público.

No que se refere à sexualidade e ao gênero, Lerner (2022, p. 24) explica: “Homens tem o direito inerente de controlar a sexualidade e as funções reprodutivas das mulheres, enquanto estas não têm o mesmo direito sobre os homens”. Embora estas suposições tenham origem no âmbito social e estejam historicamente enraizadas pelo patriarcado, elas são disseminadas como se fossem leis humanas, resultando em mais uma das formas de violência de gênero. Como presente no trecho: “A senhora ainda me pergunta? Defesa contra o machismo. Conforme a senhora disse e, eu sei que desde criança, esse tal de machismo domina todo mundo. Todo mundo. Tudo tudo, desde a religião, as ciências e até os mais escondidos escaninhos da sociedade.” (Monteiro, 1995, p. 92). Assim, a protagonista reforça essa crítica ao evidenciar como a dominação masculina se manifesta na cultura e na mentalidade coletiva. Assim, revela como o patriarcado molda comportamentos e crenças, tornando a desigualdade de gênero um sistema difícil de desconstruir. E, além disso, mostra como as mulheres foram reduzidas à função de objetos de desejo, submissas a um sistema que as define pelo olhar masculino. Maria, a personagem de Benedicto Monteiro, opina que:

Creio que nem o homem e nem a mulher pode viver a sua sexualidade subjugada no meretrício, amarrada no casamento, escrava do lar, vigiada pela família, punida pelas religiões, enganada pelos parceiros, sejam eles amantes, maridos ou parceiros de ocasiões. (Monteiro, 1995, p. 160)

Desse modo, vemos uma crítica às múltiplas formas de controle que limitam a liberdade sexual tanto de homens quanto de mulheres, embora historicamente o impacto tenha sido mais severo sobre as mulheres. Por meio da personagem, podemos ponderar como as normas sociais, institucionais e culturais restringem a vivência plena da sexualidade ao subjugá-la a diferentes esferas de vigilância e opressão.

O meretrício, por exemplo, é frequentemente tratado como um espaço de exploração, onde a sexualidade feminina é mercantilizada. Em contrapartida, o casamento e o lar, são tradicionalmente vistos como destinos “respeitáveis” para as mulheres, mas que frequentemente resultam em relações de poder desiguais, reforçando o papel da mulher como esposa e mãe, antes de sujeito de desejo e liberdade.

Em *Maria de todos os rios*, a questão da sexualidade e do gênero está profundamente ligada à trajetória da personagem e à descoberta de sua realidade enquanto mulher em um sistema de opressões. Para Lerner (2022, p. 35), “Eu defino a consciência feminista como a percepção das mulheres de que pertencem a um grupo subordinado; de

que elas sofreram injustiças como grupo; de que a condição de subordinação delas não é natural, mas determinada pela sociedade”. Nesse sentido, Maria, na obra em questão, desenvolve uma percepção crítica sobre sua posição dentro de um sistema de opressões de gênero, alinhando-se ao pensamento de “consciência feminista” proposta por Lerner (2022).

Essa consciência não apenas revela a subordinação imposta às mulheres, mas também desnaturaliza essa condição, mostrando-a como uma construção social que pode e deve ser questionada e transformada. No romance de Monteiro, a protagonista reflete sobre a sexualidade:

Pois a sexualidade sempre foi, por muito tempo, entendida como a necessidade que o homem tinha de gozar, na mulher. Mas nunca ninguém se interessou em saber qual era a situação da mulher, nesse momento importante da relação sexual. Para a mulher, ficava apenas o dever de satisfazer o homem e de realizar a procriação. Isto é, de ter filhos, de perpetuar a espécie e depois de cuidar dela pelo resto da vida. (Monteiro, 1995, p. 161)

Vemos aqui como a personagem proporciona uma visão libertadora, mesmo inserida em um contexto de condicionamento opressivo, pois expõe a forma como a sexualidade feminina, historicamente, foi reduzida a um instrumento para o prazer masculino e a reprodução. Assim, o romance evidencia a falta de interesse, ao longo do tempo, em compreender a experiência da mulher na relação sexual, reforçando o papel passivo e utilitário que lhe foi atribuído: primeiro como objeto de desejo, depois como mãe e cuidadora, consolidando sua função dentro do ciclo patriarcal. A protagonista a necessidade da liberdade e da sexualidade feminina:

Pois é, como eu podia pensar em liberdade, nessa condição amarrada, de baixa condição de vida? Foi correndo atrás da liberdade que eu comecei a descobrir a sensualidade. Sabia que ela existia, mas não sabia o nome. Não foi a senhora mesmo que me disse? Agora sim, eu posso compreender porque eu tive tanta força, pra enfrentar este mundo de verdade. E que essa sensualidade me permitiu muitas descobertas. E aí, passei a viver a descobrir as pessoas e as coisas. (Monteiro, 1995, p. 124)

Por fim, a discussão da sexualidade e a sensualidade desenvolvida pela personagem, elucida como o gênero é perpetuada tanto nas relações afetivas quanto na estrutura social mais ampla. No entanto, o reconhecimento dessa opressão por parte da personagem Maria aponta para uma possibilidade de ruptura com essas normas, mesmo dentro de um ambiente adverso.

Considerações finais

A análise do romance *Maria de Todos os Rios* (1995), especialmente no que diz respeito ao discurso de Maria, evidencia como, por meio do olhar e da voz da protagonista, Benedicto Monteiro que alcança seu centenário em 2025, proporciona uma reflexão sobre a condição feminina e corrobora com pesquisas na desconstrução de estereótipos. Desse modo, suas contribuições são diversas e reforçam a consagração do autor paraense, consolidando sua relevância na literatura.

Nota-se que, ao apresentar uma personagem inserida em um contexto social marginalizado, mas que alcança ascensão econômica, a obra se torna uma referência ao abordar elementos da memória e do feminismo. Também, ao trazer a sensualidade como elemento da liberdade, como reconhecimento da sua autonomia evidencia as relações de gênero e a luta das mulheres, destacando a importância de revisitar e analisar narrativas que dão voz a essas questões.

Ademais, *Maria de Todos os Rios* não se limita a denunciar a opressão feminina, mas amplia seu olhar para a exploração dos trabalhadores, em especial os garimpeiros na Serra Pelada. A narrativa expõe as precárias condições de vida e trabalho na região amazônica, revelando como a exploração do homem pelo homem se perpetua em um sistema desigual. Assim, Monteiro expõe que a estrutura social marginaliza tanto as mulheres quanto os trabalhadores, demonstrando como diferentes formas de opressão estão interligadas.

Por fim, compreende-se a relevância do autor e da abordagem da memória proposta no romance, que fomenta discussões essenciais para a sociedade, contribuindo para a ampliação do debate sobre a mulher presente na literatura e os desafios enfrentados ao longo da história.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade lembranças dos velhos**. 3 ed - São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 1.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018

FEDERICI, Silvia. **O patriarcado do salário**. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

_____. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. Tradução de Coletivo Sycorax — São Paulo: Elefante, 2019.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2021.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista brasileiro: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

MONTEIRO, Benedicto. **Maria de todos os rios**. 2.ed. Belém: Cejup, 1995.

_____. **A terceira dimensão da Mulher**. Belém: Cabanagem, 2002.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2017.

_____. **Mulheres Públicas**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

_____. **As Mulheres ou o silêncio da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

LERNER Gerda. **A criação da consciência feminista: a luta de 1200 anos das mulheres para libertar suas mentes do pensamento patriarcal**. São Paulo: Cultrix, 2022.

_____. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. 2ª. ed.—São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, julho/dezembro 1995.

TIBURI, Marcia. **Feminismos em comum: para todas, todes e todos**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Rosa do tempo, 2021